

Gonçalves Dias e a estilística

Fausto CUNHA

1 Foi intenção de Othon Moacyr Garcia, em Luz e fogo no lirismo de Gonçalves Dias (1), estudar os temas da luz e do fogo na poesia lirica de Gonçalves Dias, ou, como diz, "o seu luminismo e igneismo". Estes são "o que poderíamos considerar como a faceta mais característica e pessoal do estilo e do processo poetico" do maranhense. De forma que "o metodo para estudo de temas não poderia ser outro senão esse de assinalar-lhe a incidencia e variedade no texto"; etc. Na justificação da area de pesquisa, esclarece o autor que a poesia lirica de Gonçalves Dias oferece elementos abundantes "para estudos de estilo e de temas — e é apenas estudo de temas o que fazemos aqui". O grifo é dele. O autor parece muito seguro do emprego do termo "tema", embora os exemplos que aduza, ao longo do ensaio, demonstrem que melhor fora dizer "motivo". A terminologia estilística, ainda muito confundida com a linguística, retorica, estetica e mesmo gramatical, permite certa largueza de manipulação é de mister, no entanto, que o autor determine de saída qual o sentido estrito, desde que o vocabulo tenha, como no caso de "tema", outra aceção mais conhecida. Os inumeros exemplos citados transpõem frequentemente os limites da propria motivação e invadem os do metaforismo puro e simples.

2 Othon Moacyr Garcia faz continuas referencias estatísticas. Parece estar-se difundindo a ilusão de que Estatística seja contagem aritmetica e subseqüente extração de percentagem. Estatística é principalmente estabelecimento de criterios de apuração e seleção dos dados apurados. A mera contagem nada significa, tanto assim que com o processo da amostragem os resultados obtidos se aproximam estreitamente da realidade (teórica na amostragem e na contagem). Recentes trabalhos de Tulo Hostilió Montenegro e de Bráulio do Nascimento evidenciam como é complexo o manejo da Estatística dentro do setor literario. O tecnico da Análise matematica do estilo não só se mostra cauteloso, senão também cético — cautela e ceticismo que logo se apossam de quem se ocupe na interpretação de quadros e graficos. As pequenas incursões de Othon Moacyr Garcia no terreno estatístico, das quais tanto se penitencia (p. 91), simplesmente não são Estatística.

3 Seria de presumir que o autor não considerasse o indianismo como um genero poetico, ao lado do genero lirico, do epico, do epigramatico, etc. E' um "tema", uma "atitude", diz ele acertadamente. Mas, para demonstrar que Gonçalves Dias, contra a voz tradicional, é "essencialmente lirico" e não "essencialmente indianista", elimina dos seus levantamentos os poemas que pressupõe indianistas. Ora, um poema pode ser ao mesmo tempo indianista e lirico, indianista e elegiaco, indianista e epico, até indianista e satirico. Em todo o volume, lava essa confusão entre genero e assunto. O autor fala em "composições lirico-amorosas", "lirico-descriptivas", "epico-indianistas". A terminologia poetica se caracteriza por sua universalidade; ninguém se lembraria (e creio que ninguém se lembrou) de criar um genero indianista. Quanto a arrolar "I-Juca-pirama", a "Canção do Tamolo" e similares como epicos, ainda que epico-indianistas, é pelo menos violar algumas noções bastante arraigadas no campo da epopéia.

4 Embora se declare que o trabalho é apenas estudo de temas e não de estilo, embora o trabalho seja mais estudo de estilo do que de temas, a maior parte

do livro outra coisa não faz senão glosar os passos transcritos; amliude a transcrição é feita verbatim ac litteratim. Permita-me o autor e deselegancia de prová-lo com seu proprio texto: "Os beijos consomem, como fogo, duas almas unidas: São duas almas unidas, / Que o mesmo fogo consome" (p. 34); "Se o poeta está feliz, o peito ardente lhe arfa de prazer: Arfava de prazer meu peito ardente" (p. 36); "O rosto pode crestar-se pelo pranto quente: Cresta-me o rosto agora o pranto quente" (p. 37), e assim por diante. Esse processo de antecipação das citas é um dos maiores vicios da literatura critica do passado e foi em parte contra ele que se fundou a Estilística. Explicar um texto não é citá-lo duas vezes.

5 Nas análises estilísticas, o ensaio de Othon Moacyr Garcia pretende ser uma análise estilística; o que se exige em primeiro lugar é precisão terminologica, ou pelo menos precisão no uso de vocabulos comuns. Escreve o ensaista à p. 34: "Temos aí, na mesma estrofe: peito arfando ardente, olhos que cintilavam de amor, halito ardente que crestava os labros e faces que em vivo fogo ardiam... E' ou não é uma anatomia escaldante e fosforescente?"; e à p. 68: "Como se vê, o mundo do poeta não é apenas luminoso, mas também incandescente, vulcanico. As vezes, em um ou dois versos apenas se apreende redundantemente toda essa atmosfera fosforescente: Onde as luzes do céu refletem brilhos. — Mil centelhas de luz brilham no espaço", etc. Ora, luminescencia, incandescencia, fosforescencia são fenomenos inteiramente diversos. Fosforescencia, no sentido cotidiano, é a "propriedade que têm certos corpos de brilhar na obscuridade"; mais estritamente, é a "emissão de luz por uma substancia que previamente haja absorvido uma radiação". Os exemplos propostos por Othon Moacyr Garcia de forma alguma ilustram o fenomeno da fosforescencia. Dificilmente se compreenderá um corpo ao mesmo tempo incandescente e fosforescente. "Anatomia fosforescente" e, em particular, "atmosfera (?) fosforescente" são impropriedades num estudo que se propõe justamente fixar o "igneismo" e o "luminismo" de um poeta. Acresce o discrepante mau gosto da pergunta: "E' ou não é uma anatomia escaldante e fosforescente?".

6 Citar um livro ou um autor não é provar uma assertiva. Procura Othon Moacyr Garcia o arrimo de Pierre Guiraud, cujo Les caractères statistiques du vocabulaire representa, sem duvida, uma base excelente. Mas as conclusões de Guiraud cingem-se rigorosamente ao seu campo de verificação. Nem ele as arrasta para mais longe. Diz o ensaista (p. 24): "A predominancia do substantivo e do adjetivo constitui, como sabemos, uma das características do lirismo, pois o mundo lirico é essencialmente platonico", etc. "Como sabemos" corresponde à afirmação de que existe a noção estabelecida e generalizada do fato. No entanto, quem o sabe e quem o diz é Pierre Guiraud, na conclusão aposta ao capitulo

VII do livro mencionado. Ele não declara que a predominância dos epitetólogos seja uma das características do lirismo e sim que "Le substantif et l'adjectif sont les mots privilégiés de la poésie lyrique à la fois par leur haute fréquence, par leur rôle de mots-thèmes et de mots de caractérisation". E prossegue: "C'est que l'univers lyrique est essentiellement platonique". Não há confundir lirismo e poesia lírica. O que ele, Guiraud, apresenta de mais semelhante à frase de Othon Moacyr Garcia é o seguinte: "La dispersion du vocabulaire — qui se traduit par sa richesse a été relevée comme un des caractères de la poésie lyrique". O estudo de Pierre Guiraud abrange apenas Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Valéry, Claudel e Apollinaire; e conclui dizendo que na presente geração (o livro é de 1954) se manifesta a tendência à revalorização do verbo. De resto, o "Avant-propos" não permite que se retirem do ensaio frases isoladas.

Partindo de uma transcrição imperfeita de Guiraud, diz o autor que "O universo poético de Gonçalves Dias é, de fato, platonico, estavel, permanente, sem conflitos nem aflições... Se pesquisarmos o matiz do seu vocabulário, veremos confirmar-se a atitude algo contemplativa e conformada do nosso poeta em face das contingências e acidentes do mundo e da vida" (p. 24). E dizer-se que esse "matiz" é por vezes um "mundo incandescente e vulcanico"! Conclusões dessa ordem, já em si muito duvidosas, necessitam de uma sólida argumentação.

7 Para examinar o "pauperismo lexico" de Gonçalves Dias o autor se socorre de uma recordação anedótica de Martins Fontes relativa a Coelho Neto. Noutra página, declara que "infelizmente, não dispomos de dados, nem dispusemos de tempo, recursos e paciência para obtê-los", isto é, para saber quantos são os epítetos igneos e luminosos da língua portuguesa. O que não o impede de se arriscar a uma afirmativa: "se fossem, digamos...", a fim de especular sobre as disponibilidades vocabulares de Gonçalves Dias. A confissão é desoladora, embora leal. Mas não acredito que o numero exato de adjetivos adiantasse muita coisa. No ensaio, Othon Moacyr Garcia perde-se noutras "areas semanticas", balburdiando um trabalho que, pelas qualidades reveladas em *Esfinge clara*, poderia ter sido tão valioso. O seu desconhecimento da linguagem romantica me parece quase total, não só porque ele atribui a Gonçalves Dias características genericas do periodo, como tambem porque, na ansia de exemplificar, resvala em descuidos elementares. Assim, por exemplo, quando diz: "Nada demais portanto, que o proprio corcel seja fogoso" (p. 38); ora, "fogoso corcel" é um chavão dos mais encanecidos e só muito remotamente poderá figurar como "igneismo". Em diversos exemplos que levanta, o luminoso e o igneo são acessórios metaforicos, não chegam a ferir o tema.

8 A despeito dessas ressalvas, o estudo de Othon Moacyr Garcia poderia ser uma contribuição positiva, um subsidio util aos que trabalham dentro da esfera do Romantismo ou na poesia de Gonçalves Dias em particular. A maneira como recolheu e apresentou o material destrói essa possibilidade.

(1) Othon Moacyr Garcia, *Luz e fogo na poesia de Gonçalves Dias*, Livraria São José, [Rio,] 1956.

Nota: Temporariamente, pede-se não remeter livros para esta seção.